



As Abordagens Educacionais: Consequências da Metodologia Fônica na Educação de Surdos

Rodrigo Brito de Almeida¹, Elenira Pereira da Silva², Leoric Fernandes Teotônio³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo esclarecer a importância do ensino/instrução em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, focando nas metodologias educacionais para alunos surdos da educação básica brasileira. Principalmente, expondo as abordagens utilizadas desde o Congresso de Milão em 1880, em que a proibição da Língua de Sinais foi constituída e, substituída pelo método Oralista. Deste modo, fazendo uma análise da tentativa do governo atual em aplicar o Método Fônico na educação de surdo. Assim, podemos apontar segundo Goldfeld que, o Oralismo percebe a surdez como uma deficiência, desprezando a Língua de Sinais e a cultura surda, impondo a cultura ouvinte e a Língua Oral, tentando a todo momento normalizar o sujeito surdo a personalidade ouvinte. Sob o mesmo ponto de vista, Skliar afirma que as práticas oralistas de normalização, foram violentas para controlar, separar e negar a comunidade surda, a língua de sinais, a identidade surda e as experiências visuais dos surdos. Entendemos a proposta do Método Fônico como retrocesso na educação de surdos, em que a criança através dos sons de cada letra, será exposta a repetições sonoras, leituras labiais e orofaciais. Destarte, interpretamos esse o Método Fônico como a chegada do novo Oralismo, em que a história e as experiências no processo de educação dos surdos foram ineficientes para o desenvolvimento educacional e cultural dos indivíduos surdos. Levando, em consideração aos avanços de políticas públicas nos últimos anos para surdos, esse Método Fônico anularia o processo histórico de luta da comunidade surda no país e além disso, desrespeitaria uma extensa legislação que assegura aos surdos uma educação baseada em suas características linguísticas.

Palavras-Chave: Educação de Surdos. Libras. Método Fônico.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. E-mail: rodrigo.brialmeida@gmail.com;

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. E-mail: Nirinha_bento_@hotmail.com;

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. E-mail: leoricfernandes@hotmail.com.

Educational Approaches: Consequences of Phonic Methodology in Education of the Deaf

Abstract: This article aims to clarify the importance of teaching / instruction in Brazilian Sign Language - LIBRAS, focusing on educational methodologies for students and deaf students in basic Brazilian education. Mainly, exposing the approaches used since the Milan Congress in 1880, in which the prohibition of Sign Language was constituted and replaced by the Oralist method. Thus, making an analysis of the attempt of the current government to apply the Phonic Method in the education of the deaf. Thus, we can point out, according to Goldfeld, that Oralism perceives deafness as a disability, neglecting Sign Language and deaf culture, imposing the listening culture and the Oral Language, trying at all times to normalize the deaf subject to the listening personality. From the same point of view, Skliar states that oral normalization practices were violent in order to control, separate and deny the deaf community, sign language, deaf identity and visual experiences of the deaf. We understand the Phonic Method proposal as a step backwards in the education of the deaf, in which the child, through the sounds of each letter, will be exposed to sound repetitions, lip and orofacial readings. Thus, we interpret this the Phonic Method as the arrival of the new Oralism, in which the history and experiences in the education process of the deaf were inefficient for the educational and cultural development of the deaf individuals. Taking into account the advances of public policies in recent years for the deaf, this Phonic Method would nullify the historical process of struggle of the deaf community in the country and, in addition, would disrespect an extensive legislation that ensures the deaf an education based on their linguistic characteristics

Keywords: Deaf Education. Libras. Phonic Method.

Introdução

A história da educação dos surdos é uma pauta que vem sendo debatida em âmbito nacional e internacional. Muitas metodologias ao decorrer do tempo foram criadas, ou adaptadas, para que os surdos tivessem alguma instrução, tais como: Oralismo, Comunicação total e Bilinguismo entre outras. A educação de surdos foi marcada por avanços significativos, mas sempre a estratégia oral de ensino está vinculada. Mesmo, percebendo que os surdos aprendiam através dos sinais a Língua Oral estabelece uma superioridade, isso aconteceu desde o antigo Egito, até quando o monge Beneditino Pedro Ponce de Leon (1510-1584), considerado um dos primeiros educadores de surdos usava como metodologia: a dactilologia, a escrita e a oralização (STROBEL, 2009 p. 19).

Pois, a oralização é algo imposta aos surdos em todo momento no decorrer da história. Por isso, pretendemos descobrir e expor com essa pesquisa a superioridade da Língua Oral em desconsideração pela Língua de Sinais. De quando se trata de educação de surdos, porque antes ou depois do Congresso de Milão o Método Oralista está/esteve colocando a Surdez como uma

deficiência como afirma Goldfeld (2002). Assim, vemos o Método Fônico como a volta do Oralismo ou podemos chamar “Novo Oralismo”.

De acordo com o autor Capovilla (2000) o processo oralista defende a integração do surdo na comunidade ouvinte, levando em consideração a linguística e cultura oral do mundo dos ouvintes. Sendo, essa uma estratégia complementar para o surdo aprender a falar ou a escrever a Língua Oral. Sabendo, que o surdo possui uma identidade, uma Língua completa e uma cultura própria. Por que eles precisam aprender uma Língua Oral? Ou melhor, reformulamos a pergunta. Por que nós ouvintes não aprendemos a Língua de Sinais para integramos como membros na comunidade surda?

A escolha que trilha essa escrita se deu pela recente proposta do governo brasileiro no ano de 2019, em que, consiste em experiências fônicas do som de cada fonema na educação dos estudantes surdos. A comunidade surda, as associações de surdo e instituições que trabalham na defesa da pessoa surda como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, se surpreenderam com o projeto do governo pela “Política Nacional de Alfabetização” pelo decreto nº 9.765, de 11 de abril. Assim, acreditamos que o Método Fônico é um retrocesso na educação de surdos, em que a criança através dos sons de cada letra, será exposta a repetições sonoras, leituras labiais e orofaciais.

A finalidade desta pesquisa é analisar a complexidade da formação através da Língua Oral para os alunos surdos. Segundo Pedrosa (2010), o oralismo teve uma proibição geral a comunicação dos surdos, fazendo que perdessem o direito de se comunicar em Língua de Sinais. O autor acredita que os surdos não podem aprender a Língua Oral ou se comunicar com a comunidade de ouvintes apenas porque observa-os e tentava imitá-los. Então, o método sonoro e repetitivo não foi e não será eficiente. Porque para um surdo aprender a falar o processo é demorado, os surdos não aprendem ouvindo. De acordo com Skliar (1997) foram mais de cem anos de práticas oralistas e tentativas violentas de normalização aos surdos. Por isso, com ajuda dos autores buscamos problematizar a atual formação dos alunos surdos frente à proposta Fônica.

Referencial Teórico

O processo de ensino aprendizagem do aluno surdo é desafiador tanto para ele como para os professores e toda comunidade escolar. Na sala de aula quando alunos com deficiências requer uma preparação teórico metodológica mais pautada para a sua especificidade, o docente

deve estar preparado para trabalhar estratégias específicas para a aprendizagem do mesmo. Com isso, estes alunos tem aprendido e se desenvolveram com capacidade de assimilar prazerosamente os conteúdos abordados em sala. Contudo, as abordagens e metodologias utilizadas para o ensino aprendizagem na educação de surdos, desde a primeira utilizada até a mais atual, são quatro, o Oralismo, a Comunicação Total, o Bilinguismo e a Pedagogia Surda.

Oralismo

O oralismo é uma das metodologias que busca desenvolver a fala dos surdos, o seu objetivo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção a normalidade, a comunicação oral é essencial para o desenvolvimento do homem na sociedade.

De acordo com Goldfeld (2002), o Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva, que possibilitará a aprendizagem da língua portuguesa onde levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte.

Após o método oralista ser defendido no Congresso de Milão a maioria das escolas em alguns países começaram a aplicar esse método para a educação de surdos, onde ocorreu uma grande revolução ao meio escolar. Os alunos surdos não puderam mais usar a Língua de Sinais para serem educados e os professores que a utilizavam para ministrar aulas foram demitidos e outros que usavam o método oralista foram contratados para ensiná-los a oralizar.

Dessa forma, o método oralista defende a integração do surdo na comunidade ouvinte, na qual a comunicação é realizada por meio da fala e da leitura labial. Conforme Capovilla (2000, p. 102) “o método oralista objetiva levar o surdo a falar e a desenvolver a competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se como um membro produtivo do mundo dos ouvintes.”

Assim, o Oralismo proibia geral a comunicação entre os surdos, fazendo com que esses perdessem o direito de comunicar-se por meio de sinais e, como consequência, a surdez deixou de ser entendida como problema a ser enfrentada e tratada, agindo como se o surdo pudesse integrar-se com a comunidade dos ouvintes apenas porque observava e tentava imitá-los (PEDROSO, 2010). Desse modo, para desenvolver a comunicação oral é algo simples para o ouvinte que se desenvolve ouvindo, mas para o surdo não é fácil pois ele deverá passar por um processo lento para desenvolver a fala. De acordo com Skliar (1997):

Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR, 1997 apud KALATAI e STREIECHEN, 2012, p. 06)

Portanto, em meio ao conflito da metodologia oralista aos poucos foi reconhecida como ineficiente para a educação dos surdos. Durante o período, a comunidade surda ficou no prejuízo em decorrência a esses cem anos de práticas improdutivas. O método utilizado estava negando a sua cultura, língua e identidade o que acarretou sérios prejuízos na vida dos surdos.

Comunicação Total

A Comunicação Total surge com uma série de vantagens sob o Oralismo. A principal meta era o uso de estratégias que viessem a permitir o resgate na comunicação das pessoas surdas, e esse modelo deveria combinar a Língua de Sinais com gestos, mímicas e leitura labial (SCHELP, 2008). Outra definição de Comunicação Total é apresentada por Ciccone (1996, p. 06):

A comunicação total é uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é, somente, mais um método na área e seria realmente, um equívoco considerá-la, inicialmente, como (...). A comunicação total, entretanto, não, é uma filosofia educacional que se preocupa com ideias paternalistas.

Assim, a concepção filosófica não se enquadrava com o pensamento dos surdos, pois acreditavam que podiam usar a Língua de Sinais para o processo de aprendizagem. No entanto, a Comunicação Total não estava em oposição à utilização da Língua Oral, mas, apresenta-se como um sistema de educação simultânea. Perlin e Estrobel (2008) em consonância com Freeman, Carbin, Boese (1999), diz que:

[...] todo o espectro dos modos linguísticos, gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura oro-facial, alfabeto manual, leitura e escrita. A comunicação total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura oro-facial, através de uso constante por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo.

Portanto, a Comunicação Total surgiu em meio ao fracasso que aconteceu em relação à metodologia Oralista, com o intuito de resgatar a comunicação entre as pessoas surdas, buscando o diálogo com a Língua de Sinais, gestos, leitura labial e outras, para conseguir desenvolver a linguagem oral entre elas.

A Pedagogia Surda

A Pedagogia Surda surge com o propósito de resgatar a cultura dos surdos visando um processo de educação no qual o professor surdo tenha domínio da Libras e esteja inserido no contexto educativo e venha compartilhar com os educandos conhecimentos da cultura surda. Como menciona Kalatai (2012), a Pedagogia Surda requer a presença do professor surdo em salas regulares de ensino, assim, como nas escolas especiais e Centros de Atendimento Especializado para Surdos (CAES), em tempo integral, pois são os professores surdos que devem ensinar aos surdos. De acordo com Kalatai (2012, p. 15);

A Pedagogia Surda surge com a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação do surdo, pois ela é uma metodologia que atende uma forma satisfatória as especialidades dos surdos, de forma a considerar todos os aspectos culturais deste sujeito [...] A metodologia realmente desejada pelo surdo é a Pedagogia Surda, visto que as lutas destas pessoas giram em torno da constituição da subjetividade do jeito surdo de ser ou seja, da construção de sua verdadeira identidade e consagração de sua cultura, e que só poderá ocorrer no encontro com seus pares.

Neste sentido, é fundamental que o método de ensino do aluno surdo seja com base na Pedagogia surda, e o conteúdo utilizado e ministrado por professores surdos, visando à aprendizagem de todos no processo ensino-aprendizagem da pessoa surda. Mediante a visão de Rangel e Stumpf (2010, p. 115):

Quando o professor e o aluno utilizam a mesma língua, no caso a Língua de Sinais, a comunicação deixa de ser um problema. Quando ambos são surdos, aos interesses e a visão de mundo passam a ser os mesmos. A fluidez de comunicação possibilita as mais variadas trocas.

Portanto, com a presença do professor surdo em sala, os alunos têm mais facilidade de aprender e interagir com os outros alunos. Isso, facilita a troca de experiências e de conhecimentos entre todos. A partir disso, se resgata a cultura e a valorização do diálogo, e eles veem os professores surdos como facilitadores da língua de sinais. Diferente dos professores

ouvintes, os alunos surdos observam os professores ouvintes como alguém que não pode ou não vai compreender e não sentem a mesma segurança como com os professores surdos.

Como frisa Vilhalva (2004), alfabetizar alunos com culturas diferentes é um choque tanto para o professor ouvinte como para os alunos surdos, por não entenderem de imediato o complexo linguístico da língua um do outro, pois às vezes demora para o surdo compreender o ouvinte ou o ouvinte compreender o surdo. Assim, a Pedagogia Surda é importante para o aluno surdo, pois vai ajudá-lo, na aprendizagem e a concluir seu processo de ensino através da Língua de Sinais.

Metodologia

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e descritivo. Tem por interesse avaliar a metodologia proposta pelo governo federal brasileiro no ano de 2019, na educação de alunos surdos. A proposta conhecida como “Método Fônico” é um sistema de ensino em que consiste na alfabetização da criança através dos sons de cada letra, o aluno é exposto ao som de cada letra para formar o som das sílabas, depois no decorrer de repetições sonoras, leituras labiais e orofaciais. Esse procedimento tem por objetivo fazer que o alunado construa a pronúncia completa da palavra, enfatizando que a metodologia fônica na educação de surdos pode trazer uma nova versão camuflada do oralismo e suas estratégias.

Contudo, esse trabalho visa contribuir para uma análise reflexiva pautada em novas propostas metodológicas de alfabetização para crianças ouvintes que não são apropriadas para crianças surdas, por outro lado, sendo essa prática uma concepção de educação no modelo clínico. Essa perspectiva afirma a relevância da integração das pessoas surdas na sociedade majoritariamente ouvinte, aplicando metodologias educacionais para crianças ouvintes, concomitante a educação de surdos, levando ao sujeito surdo a oralizar/fonoarticular as palavras com objetivo de normalidade exigida pela sociedade. (PERLIN, STROBEL, 2008, p. 12)

Nesse sentido, o artigo busca fundamentação teórica de base qualitativa, selecionando autores/as nacionais e internacionais que teorizam as metodologias educacionais para surdos no Brasil e no mundo. Capovilla (2000), Ciccone (1996), Goldfeld (2002), Kalatai e Streiechen (2012), Pedrosa (2010), Perlin e Strobel (2006), Stumpf (2012), Skliar (1997), Vilhalva (2004), entre outros autores. Partindo da atuação desses autores, inicia-se o ponto de partida dessa pesquisa, em que a educação de surdos é o objeto principal de trabalho.

Completando-se a nossa escrita, apontando-a, em análise de conteúdo. Os textos indicam métodos que diferem o aprendizado dos alunos surdos entre o método de instrução pela Língua Brasileira de Sinais, do método Fônico que podemos alegar esse sistema a continuação do oralista, prática adotada após o Congresso de Milão, na Itália em 1880, em que constituía uma educação para surdos através apenas do ensino oral/oralizado, excluindo a língua de sinais das escolas e proibindo o sujeito surdo de utilizar sua língua natural, a Língua de Sinais.

A análise de conteúdo explora a trajetória educacional dos surdos ao longo do tempo, demonstrando que a instrução através da língua de sinais é fundamental aos sujeitos surdos, indagando a proposta do governo federal ao impor métodos que não condiz com a realidade dos educandos surdos desse país, em que muitos já são fluentes em sua língua materna.

Com essa finalidade, buscamos procedimentos para esse trabalho sobre três passos, sobre os quais descrevemos aqui:

Passo 01: Utilizando os problemas apontados por diversos autores da área em educação dos surdos, problematizando a formação desses indivíduos sob a perspectiva da oralização ou métodos similares que não coincide com a realidade, sabendo que o fator biológico dos surdos; a ausência da audição, é condição primordial a metodologias de ensino específico.

Passo 02: Analisando “A Política Nacional de Alfabetização” um projeto atual do Governo Federal em que propõe realizar técnicas para educação por meio das experiências fônicas associando entre símbolos (letras) e seu som (fonema).

Passo 03: Com resultados, buscamos constatar a importância de a educação de surdos ser pautada através primeiramente em sua língua materna, a Língua Brasileira de Sinais. Desta maneira, ressaltou-se nas análises, o potencial formativo por intermédio da Língua Brasileira de Sinais na educação dos estudantes surdos.

Análise dos Resultados

Ao longo do tempo o povo surdo tem conquistado diferentes espaços sociais e, sobretudo, superado os lugares de marginalização a que eram destinados às pessoas com surdez. O ser surdo, por muito tempo foi sinal para o estabelecimento de preconceitos e discriminações no âmbito familiar e social. Ignorar as lutas do povo surdo ao longo da história da humanidade é também não reconhecer os espaços locais e esferas sociais em que está a comunidade surda. Se a sociedade majoritária, formada por pessoas ouvintes, protagonizou lutas e superações em diversos níveis, também o povo surdo levantou bandeiras e por meio dessas lutas e movimentos,

alcançaram mudanças e conquistaram diferentes espaços, historicamente ocupados por ouvintes (STROBEL, 2007).

Ao citar espaços sociais, recordamos a escola como um dos muitos espaços sociais que atualmente estão com a presença do surdo. Em Quadros (2006), percebemos que no Brasil, por exemplo, embora, os problemas com a inclusão sejam evidentes, são inegáveis os resultados conquistados na educação de surdos, a partir do protagonismo da comunidade surda no país. Esse protagonismo se deu em diversos momentos históricos e com distintas características. A criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, já no período imperial do Brasil, mais recente o reconhecimento da Libras pela legislação brasileira e sua difusão no país, e também a partir disso as mudanças implementadas por meio da criação de políticas públicas desencadeadas após o reconhecimento legal da língua de sinais no Brasil. Esses e tantos outros fatores são inegavelmente reveladores do envolvimento da comunidade surda no Brasil em lutas pela emancipação dos surdos brasileiros.

Nesse mesmo desenrolar histórico a discussão em torna das línguas de sinais e da aquisição da linguagem sempre permearam a comunidade surda ao redor do mundo. Para Guarinello (2007), as diferentes filosofias impostas à educação dos surdos, serviram para mostrar os avanços e os retrocessos desses diferentes métodos e concepções utilizados na educação de surdos. A mesma autora ainda reconhece que o bilinguismo se apresenta como a concepção que mais se adequa a realidade educacional envolvendo o aluno surdo. E, sobretudo reforça que a conscientização das famílias, escolas e da sociedade sobre o contato da criança surda com a língua de sinais é importantíssimo para o seu pleno desenvolvimento (GUARINELLO, 2007).

A evolução nos estudos sobre a aquisição da linguagem tem revelado que a aquisição da linguagem humana não é dependente da modalidade da língua. Com esse pressuposto fica evidente que o desenvolvimento da criança surda está intimamente ligado ao seu processo de aquisição da língua(gem). A evidência dada pelos estudos sobre a chamada “aquisição tardia” demonstra que a criança surda, que normalmente não é entendida como surda desde os primeiros dias de vida, é prejudicada em seu desenvolvimento linguístico e conseqüentemente social e cultura, pois é privada de sua língua natural, a língua de sinais (CRUZ, 2016).

Expor a criança surda desde os primeiros dias de vida a uma língua de sinais garantirá um pleno desenvolvimento linguístico e, sobretudo a plena consciência de que a língua de sinais é a via que lhe permitirá a construção de relações com os seus e com o mundo. Em Nader e Novaes-Pinto (2011), percebemos que a exposição a uma língua de sinais, precoce ou tardia,

reflete o contexto familiar e social em que a criança surda nasce. Infelizmente fatores sociais, culturais e, sobretudo, a falta de consciência da família sobre a surdez e a aquisição da língua, atrapalham o desenvolvimento da criança surda e resultam na privação linguística. Esse tempo perdido na aquisição da língua de sinais acarretará em um prejuízo que dificilmente será recuperado ao longo do processo de formação linguística da criança (CRUZ, 2016).

Língua de Sinais e Línguas Orais apresentam características semelhantes em vários aspectos. São línguas naturais, transmitidas de geração para geração, não universais, ambas podendo ser analisadas linguisticamente. Seu surgimento sempre está ligado a uma comunidade e sua aquisição ocorre a partir da interação e da natural exposição, com a ausência do ensino formal. Em contrapartida, há distinções entre as línguas de sinais e orais. As línguas de sinais se apresentam na modalidade visoespacial, sendo recebidas pela visão e articuladas com a utilização do espaço, do movimento e das configurações de mãos, ambos associados às expressões faciais e corporais. Já as línguas orais, recebidas pela capacidade auditiva da pessoa ao utilizar os sons, ficando assim explícita sua modalidade auditiva-oral (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Essas considerações, de forma ampla vão de encontro à proposta do chamado Método Fônico, tornado assim, ineficiente a utilização dessa prática pedagógica na educação de crianças surdas no país. Afastar a educação de crianças surdas dos métodos e práticas pedagógicas que comprovadamente estão possibilitando avanços consideráveis é anular o processo histórico de luta a comunidade surda no país e além disso, desrespeitar uma extensa legislação que assegura aos surdos uma educação baseada em suas características linguísticas.

Considerações Finais

Esse trabalho teve/tem a preocupação de expor alguns déficits na formação dos alunos surdos que tenham ou terão experiências orais de ensino. A partir das pesquisas realizadas, pudemos averiguar a complexidade existente em dominar uma língua oral sendo um indivíduo surdo. Assim, buscamos mostrar que a Língua Oral e a cultura ouvinte se comporta superior a Língua de Sinais e a cultura surda, trabalhamos em revelar a falta de inconsistência do Método Fônico na educação dos surdos brasileiros.

Desde modo, acreditamos que esse artigo tem a intenção de causar ou chamar a atenção para de alguma forma, essa realidade das estratégias sonoras (fônicas) possa mudar no cenário brasileiro. Corroborando também para o aperfeiçoamento da língua materna dos surdos, e suas

habilidades em utilizá-la. Conseqüentemente, destacando a importância do ensino-aprendizagem da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa na modalidade escrita, mas com um processo de aprendizagem para segunda língua respeitando a singularidade dos alunos surdos. Como afirma Quadros e Karnopp:

As línguas de sinais se apresentam na modalidade visuoespacial, sendo recebidas pela visão e articuladas com a utilização do espaço, do movimento e das configurações de mãos, ambos associados às expressões faciais e corporais. Já as línguas orais, recebidas pela capacidade auditiva da pessoa ao utilizar os sons, ficando assim explícita sua modalidade auditiva-oral (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Apontando esses caminhos, acreditamos que essa escrita poderá contribuir na formação dos estudantes surdos tanto em Língua de Sinais como em Língua Portuguesa em diversos níveis como na construção de uma sociedade mais acessível para todos. Visando na qualidade da formação dos alunos surdos, não poderíamos deixar de explanar que esse trabalho é apenas início de um discurso aqui, essa que de maneira singular poderá contribuir como também agregar outras, para de fato entendermos que ainda precisamos de mais pesquisas, leituras, análises e comparações. Desta forma, posamos fazer da educação dos surdos um direito linguístico, de aprender a Língua de Sinais e expor a identidade e cultura surda, vivendo a interculturalidade sem se sentir oprimido por uma Língua Oral.

Referências

BRASIL. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/Decreto/D9765.htm. Acessado em 10 de Dez. 2019.

CAPOVILLA, F. C. Filosofias Educacionais em relação ao surdo: Oralismo à Comunicação Total ao Bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n.º. 1, 2000, p. 99 – 116.

CICCONE, M. **Comunicação total: Introdução, estratégias a pessoa surda**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio**. 2016. 209 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista**, 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita dos sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

KALATAI, P.; STREIECHEN, E. M. As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil. In: **Anais**. Seminário de Pedagogia – Unicentro, 2012.

NADER, J. M. V.; NOVAES-PINTO, R. do C.. Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. **Revista Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, v. 40, n. 2, p.929-943, ago. 2011.

PEDROSO, Cristina Cinto Araújo. **Língua Brasileira de Sinais**. Batatais, SP: Ação Educacional Claretiana, 2010.

QUADROS, R. M. (Org). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PERLIN, G, STROBEL, K. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

RANGEL, G. M. M; STUMPF, M. R. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, A. C. B; MELO, A. D. B; FERNANDES, E. (Orgs). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação 2012, p. 113 – 133.

SCHELP, P. P. **Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008.

SKLIAR, C. (Org). **Educação e Exclusão: abordagem sócio antropológica em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STRÖBEL, K. L. História dos Surdos: Representações “Mascaradas das Identidades Surdas. In: QUADROS, R. m.; PERLIN, G. (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

_____. **História da Educação de Surdos**. Universidade de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2009.

VILHALVA, S. **Despertar do silêncio**. Petrópolis: Arara Azul, 2004. (Coleção, Cultura e Diversidade).



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ALMEIDA, Rodrigo Brito de; SILVA, Elenira Pereira da; TEOTÔNIO, Leoric Fernandes. As Abordagens Educacionais: Consequências da Metodologia Fônica na Educação de Surdos. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 203-214, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 12/08/2021;

Aceito 18/08/2021.